(A)Info

Danças das Idéias

★ DAURIGU LUKTANTE! ★

Barricada Libertária — Destruir / Construir

Fenikso Nigra MMV - MMXV

ANARKIO KAJ ESPERANTO

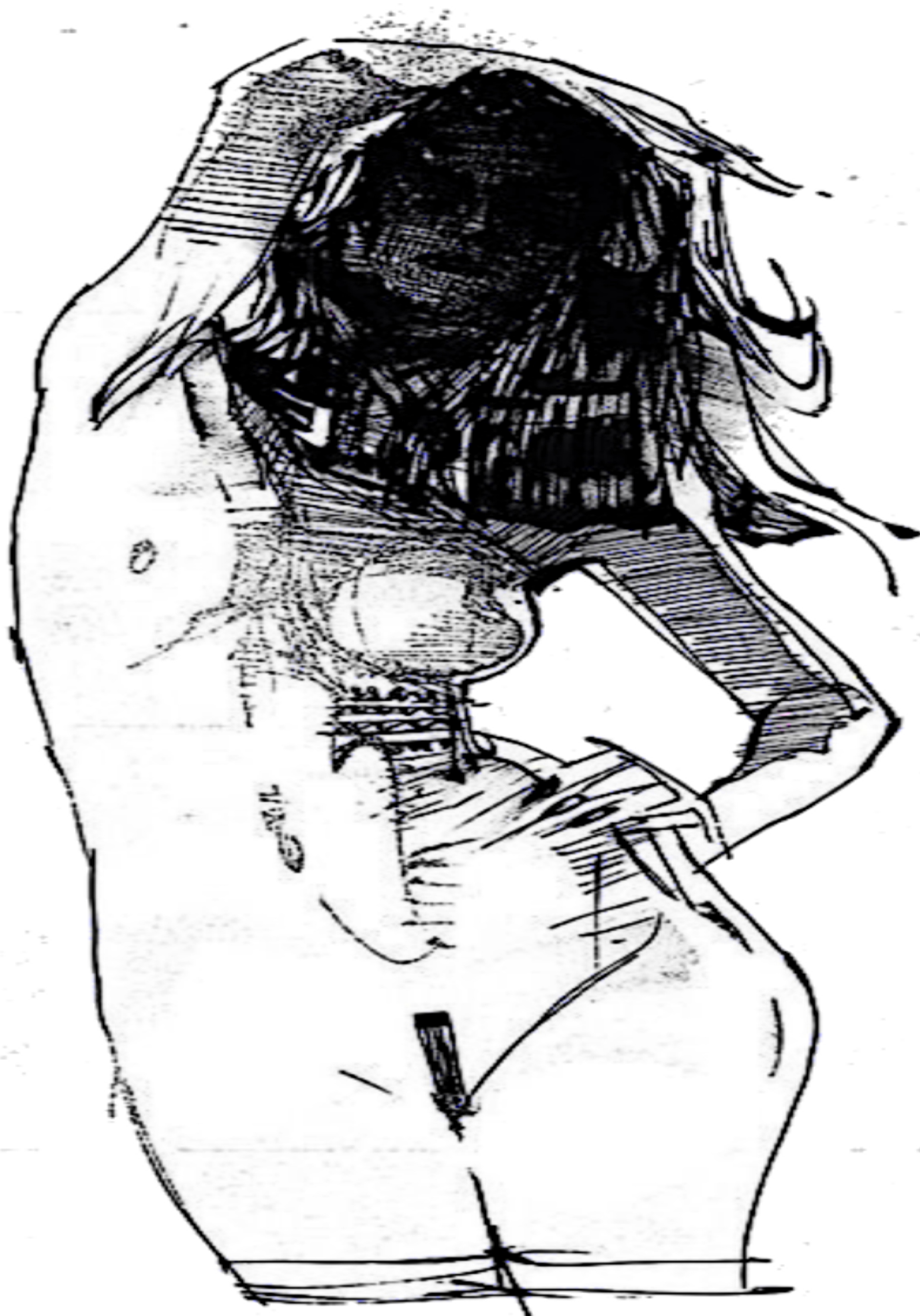
Vegano

IFA — Iniciativa Federativa Anarquista

ORGÃO DE EXPRESSÃO ANARQUISTA

Ano IV - nº 050 Novembro 2015

NÃO ME VISTA COM SEU PRECONCEITO!



Somos autônomas e nos organizamos a partir de práticas libertárias. Sabemos que práticas que questionam as instituições e o estado foram e são historicamente perseguidas. **pag 05**

A capacidade para ignorar alguma forma de opressão é a capacidade para ignorar todas as formas de opressão. **pag. 10**



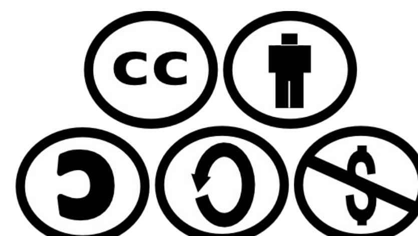




Acreditam muitos socialistas que a conquista de tal governo capitalista através do sufrágio, isto é, da “obrigação de votar”, que tal “sésamo” abrirão as portas do desenvolvimento e do processo revolucionário que almejam; que uma utilização da máquina estatal, uma vez purificada de seus vícios burgueses e tecnocráticos, purificação esta, que se diga de passagem, é um trabalho hercúleo mesmo para uma sociedade inteira, conseguiriam unir os elementos estruturais (tanto infra, como superestrutura) para saírem da pré-história de roubos e contradições de sistemas antagônicos e uma entrada triunfante na história, de tapete vermelho “made in China”, charutos cubanos e tudo mais, tal como é o socialismo predicado e indicado pelos ideais socialistas “científicos” ou deles pode-se concluir tal alusão em uma leitura acurada.

Não percebem é que as portas que serão abertas terão grades e muradas altas para que não escapem os seres livres que continuarão sendo tutelados, disciplinados, docilizados e reprimidos pelo novo regime e o tapete só será vermelho pelo sangue derramado por aqueles seduzidos por tal via e os charutos, consumidos amargamente tanto pelo povo como por seus ditadores esclarecidos.

Além disso, os militares (mastins verde-olivas) e uma parcela consciente ou não da sociedade, principalmente dos grupos que mandam e seus atrelados conservadores e reacionários, estes que não se sujeitaram a um governo mais livre (o período de Jango) na década de 60 no Brasil, provavelmente não tolerarão uma nova ameaça neste sentido. Haveria repressão e agravamento do governo autoritário pela “ordem e progresso” novamente, consequentemente, mais sangue derramado e muita desilusão, retardando as mudanças sociais necessárias neste país assolado pela pior distribuição de renda do mundo.





Materiais postados são inteiramente de responsabilidade de quem o assina tanto como grupo ou como pessoa.

Materiais sem assinatura é de responsabilidade da associação editorial do A-Info. Agradecemos a todas as pessoas que contribuem com a imprensa anarquista!



VI feira anarquista de são paulo

15 de novembro de 2015

Tendal da Lapa – Rua Constança, 72 – Lapa, São Paulo - 10h às 20h

Organização Biblioteca Terra Livre



Nota Pública sobre a violência policial ocorrida durante a 1a Feira do Livro Feminista e Autônoma de Porto Alegre

Somos um coletivo de pessoas que se formou através de afetos, amizades, afinidades e momentos e vivências antes, durante e depois da I Feira do Livro Feminista e Autônoma de Porto Alegre (I FLIFEA POA). A feira tinha como seu principal objetivo a troca de materiais, de vivências e de experiências que pudessem debater coletivamente a respeito dos feminismos e da autonomia das mulheres frente às instituições e em relação a seus corpos. Esse objetivo estava se concretizando ao longo de dois dias de atividades, nos quais nos fortalecemos entre todas, conversamos, aprendemos, rimos e novas ideias puderam surgir a partir do encontro. Até que, juntas, muitas de nós sofreram a violência policial da noite de primeiro de novembro de 2015. Entre as agredidas estavam presentes algumas das que compunham a organização da FLIFEA, mas não só. A partir dos últimos acontecimentos vivemos uma nova forma de autogestão da experiência compartilhada onde “a organização da feira” se dissolve na nova coletividade que escreve este texto, composta por aquelas que foram diretamente afetadas pela repressão vivida na noite de domingo.

Dito isso, nos manifestamos através desta nota pública no blog da I FLIFEA POA, da maneira combinada entre nós como única manifestação pública do grupo mencionado acima. De acordo com isso, nenhuma de nós concedeu e nem concederá entrevista a qualquer veículo de comunicação e, embora estejamos recebendo assistência jurídica de advogadas feministas de maneira voluntária, elas também não nos representam frente à mídia. Também é importante apontar que não organizamos ou marchamos sozinhas no ato do dia dois de novembro de 2015, mas contamos com o apoio espontâneo de muitas pessoas que se sensibilizaram com nossa situação, e não tivemos relação alguma com o ato do dia seguinte, dia três de novembro de 2015. Nos fortalece muito e agradecemos o apoio das pessoas e organizações que estão se mobilizando autonomamente em relação ao ocorrido e nos comove a grande rede de solidariedade criada; no entanto, nos parece importante estabelecer que essa rede extrapola nossa dimensão organizativa e, portanto, não é possível nos responsabilizar pela totalidade dos eventos disparados pelo episódio.

A quem resiste em solidariedade conosco, pedimos cuidado para não falarem em nosso nome, e, ainda, pedimos o respeito para não fazer o uso desse fato para apropriação em relação a agendas políticas partidárias, tampouco individuais. Entendemos que a situação de agressão policial pela qual passamos se insere num contexto social de mobilização frente aos retrocessos que têm acontecido nas políticas para mulheres e ao crescimento do conservadorismo patriarcal no debate público sobre os direitos já conquistados e ainda por conquistar por mulheres e outros grupos minoritários. Tanto nos debates de políticas institucionais, quanto nos espaços de formação de opinião como redes sociais, diversas pautas feministas estão sendo mobilizadas neste momento, como os assédios cotidianos que vivemos desde a infância , nossa autonomia para decidir sobre nossos corpos, a violência vivida em espaços domésticos e a possibilidade de que as mulheres falem por si mesmas.

Ao mesmo tempo, percebemos que a repressão que vivemos no último domingo gera comoção por diferentes motivos, que queremos apontar. Primeiro, a brutal violência por parte de policiais, homens, exercida contra mulheres, fazendo uso abusivo de autoridade através de aparatos de força (cacetetes foram usados e armas foram apontadas contra nossos corpos desarmados), evidencia a lógica militarizada e misógina que pauta a atuação dessa corporação. O ocorrido conosco também contribuiu para o reconhecimento das violências cotidianas que as mulheres sofrem, mobilizando aquelas pessoas que já trabalham para combater as causas dessas violências, e também sensibilizando aquelas que vivem ou já viveram essa realidade em suas vidas. Finalmente, consideramos que também foi notável o fato de estarmos nos propondo a construir um debate sobre feminismos num evento cultural no qual nossa arma era a construção de ideias políticas e de cumplicidade, e desse processo ter sido brutalmente atropeladas pela agressão policial. Porém, queremos frisar questões importantes que contribuíram para a comoção que este fato gerou. Percebemos que isto se deu principalmente pela agressão ter ocorrido em um bairro central da cidade,

com mulheres majoritariamente brancas, militantes feministas, muitas delas universitárias.

Esses marcadores da nossa posição social foram o que tornou possível que uma agressão policial tenha se tornado um fato político desta dimensão e reflete o privilégio que temos em relação a tantos outros casos invisibilizados pela mídia, como a luta daquelas que se mobilizam contra a violência policial no país (pessoas negras, trans, periféricas, camponesas, indígenas, em situação de rua, em situacão de prostituicão.) Por isso, temos a responsabilidade de lembrar que enquanto esse é, para muitas de nós,um fato eventual em nossas vidas, para muitas outras, faz parte de um cotidiano marcado pela violência policial – entre tantas outras -, nas quais as ameaças de morte são de fato cumpridas. Sabemos que isso acontece porque, em nossa sociedade, há uma valorização diferenciada das vidas e da dignidade das pessoas, na qual existem vidas que valem mais que outras, vidas que merecem ser vividas,enquanto outras são lidas como descartáveis, principalmente pelo Estado que se utiliza de seu braço armado para agir de maneira violenta de diversas formas. Esse comportamento policial que acontece cotidianamente em contextos periféricos que promove o genocídio da população negra pôde ser observado durante o ocorrido na noite de domingo, uma vez que foi evidente que o alvo escolhido para a primeira investida física foi uma das poucas mulheres negras que estavam presentes naquele momento, confirmando as práticas e o caráter racista da instituição.

A repercussão da violência policial que sofremos nos afetou de diversas formas. Temos nos sentido coagidas a proceder de uma maneira específica dentro do sistema legal para comprovar a legitimidade de nosso relato publicamente. Vemos alguns procedimentos legais dentro disso como violentos para nós, mas também entendemos a necessidade de fazer o uso desses canais de denúncia, mesmo sabendo das suas limitações. Reinvindicamos, outra vez, que sejam respeitadas nossa temporalidade e nossa liberdade de decidir como conduziremos a situação. Queremos pontuar, no entanto, que o que torna um fato publicamente legítimo não precisam ser apenas os procederes da lei que o Estado proporciona (e que muitas vezes vulnerabiliza e expõe as vítimas mais do que as protege) mas também a força do nosso relato, das marcas que reconhecemos nos corpos umas das outras e na nossa capacidade de articulação com uma extensa rede de solidariedade que nos tem prestado tanto apoio. Aquelas que vivem essas violências no seu cotidiano sabem da veracidade dos fatos, sabem o quanto fotos de machucados não ilustram suficientemente o que significa sofrer essas violências em todos os espaços, que é, afinal o assunto do qual queríamos tratar na intervenção teatral no dia de finadas, que estava sendo ensaiada naquela praça, quando os policiais chegaram. Essa intervenção tinha, inclusive, o propósito de denunciar e visibilizar o assassinato sistemático e constante de mulheres que ocorre pelas mãos dos homens – feminicídio -, tanto no âmbito doméstico-familiar quanto institucional, estatal e militar.



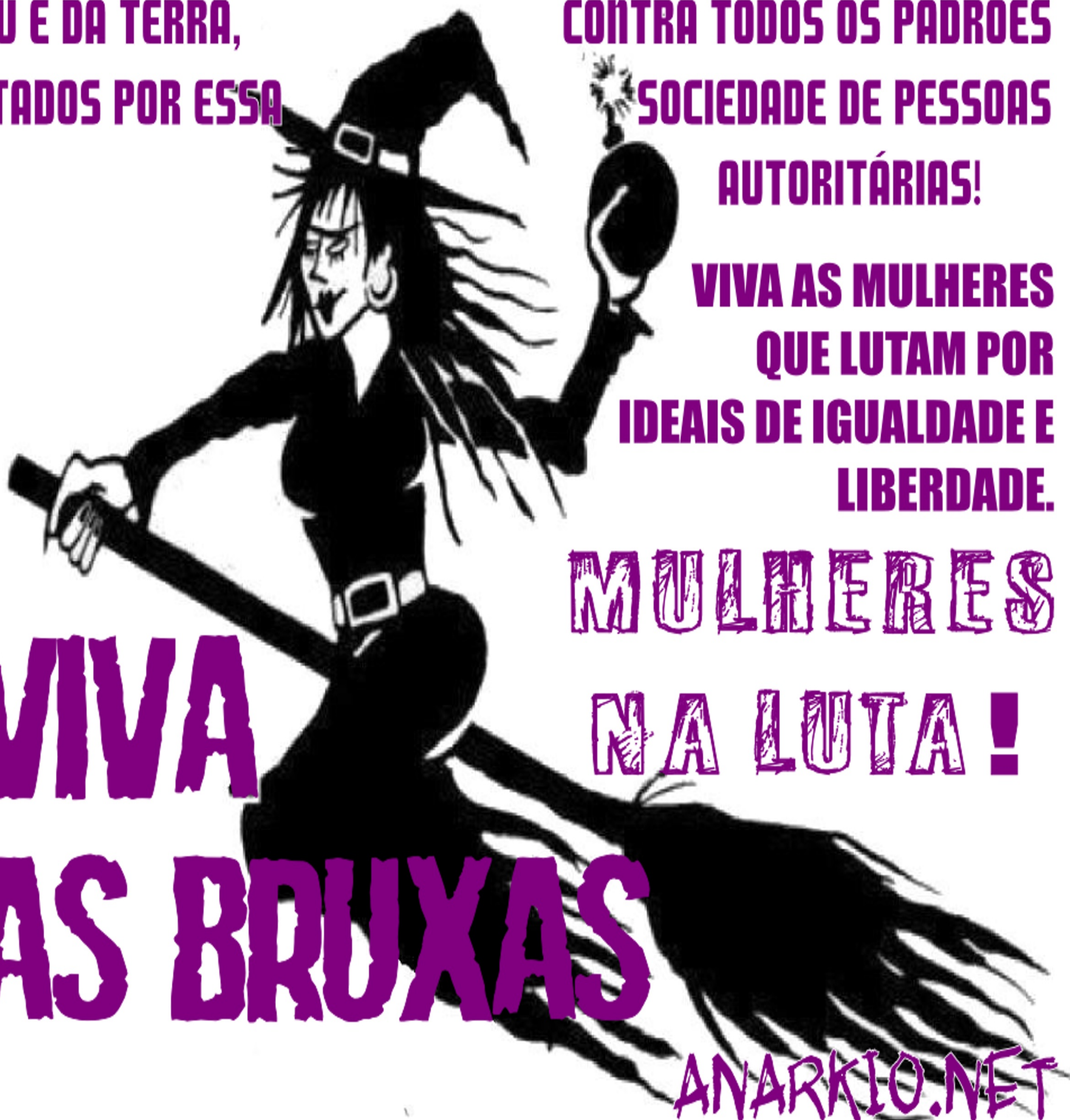
A discussão desse conceito – feminicídio – é muito recente e é resultado do exaustivo trabalho de denúncia de mulheres que se esforçam para evidenciar essa violência que costuma ser mascarada. No entanto, negamos a instituição do Estado e suas leis como a única fonte legitimadora dos fatos. Acreditamos que a construção da legitimidade pode se dar a partir de outros consensos éticos baseados na identificação mútua e em vivências compartilhadas por pessoas. Informamos ainda que não daremos satisfação sobre as nossas movimentações no âmbito jurídico/institucional. Lembramos que mesmo juridicamente esse caso extrapola a nossa ação individual, e que outras instâncias podem se mobilizar para denunciar aspectos da (in)justiça independentemente da nossa vontade. Ainda, em relação à imprensa e à mídia, negamos a urgência de nos agendar de acordo com uma temporalidade imposta por redes sociais e outros meios de comunicação. Não podemos atropelar processos internos para atender a demandas externas, temos responsabilidades umas com as outras e, especialmente, de maneira alguma nos deixaremos pautar por uma mídia oportunista e tendenciosa. A demora para que apresentássemos informações foi argumento para o questionamento da veracidade de nosso relato. Reconhecemos essa como uma maneira de manipular fatos e indivíduos dentro de uma lógica alienante e um ritmo desumanizador de um modo de vida viciado no imediatismo. Não é essa a vida que queremos compartilhar umas com as outras e isso não nos será imposto. Essa suposta demora em responder a esses pedidos está diretamente relacionada com a necessidade que temos de nos ouvir e nos acolher nesse momento em que nos encontramos machucadas frente a situação real de agressão que passamos.

Acreditamos ser cruel esse tempo midiático que transforma as feridas das pessoas em produto e audiência, e assim as violenta novamente. Estamos principalmente mobilizadas a dar um desfecho que não percorra esses caminhos e nos organizando horizontalmente de maneira a consolidar este fato como político para de fato transformar as feridas em luta. Somos autônomas e nos organizamos a partir de práticas libertárias. Sabemos que práticas que questionam as instituições e o estado foram e são historicamente perseguidas. Por conta disso, receamos que o que aconteceu possa ter sido parte de ações politicamente

motivadas por um discurso de ódio e não apenas a decorrência de uma abordagem que sucedeu mal. Frente a isso, esperamos que as expressões de solidariedade que tanto têm nos ajudado até agora se mantenham. Precisamos, também, lembrar que desde antes mesmo da data da Feira, nossas medidas de segurança foram violadas com a criação do evento da Feira do Livro Feminista e Autônoma no facebook pela página Porto Alegre Cultura, que mesmo tendo sido avisada de que não queríamos expôr a Feira e as mulheres envolvidas na FLIFEA nesta rede, ignorou nossos protestos. Consideramos que o criador dessa página tem responsabilidade pelas ameaças que recebemos durante a Feira e pela agressão policial e, portanto, tem nosso sangue nas mãos. Fomos excessivamente expostas por esse evento contra a nossa vontade que possui quase 6 mil pessoas confirmadas e mais de 11 mil convidadas. Por fim, agradecemos a todas que vieram prestar solidariedade nesse momento, independentemente de seu alinhamento político. O espaço da I FLIFEA POA se consolidou como um momento de rompimento com as lógicas de segregação e afastamento entre feminismos que estavam sendo vivenciadas em nossa cidade. O momento que estamos passando reforça essa ruptura; temos confiado e vivenciado o acolhimento umas das outras, nos fortalecendo tanto em nossas relações pessoais quanto políticas.

Valorizamos o engajamento daquelas que optam por lutar a partir de diferentes frentes e todas aquelas que se rebelam para não serem esmagadas por esse sistema que oprime iniciativas e (r)existências em liberdade e auto organização. Um conjunto de estratégias é mais eficiente do que qualquer uma delas isoladamente. Sabemos muito bem o que nos move. Agradecemos àquelas mais experientes nas suas caminhadas de luta e resistência pelo apoio que vieram demonstrar. Mulheres que compartilham seus conhecimentos e saberes e possibilitam que partamos de um acúmulo para que cada geração de mulheres não precise começar do zero a cada batalha travada nessa guerra constante contra todas nós. Máximo respeito às velhas bruxas que vieram nos cuidar. Seguiremos nas ruas fazendo arte, okupando os espaços, comunicando nossas posições e dando continuidade à luta, porque a nossa força de golpe é da mesma intensidade daquilo que vivemos.

Bruxas resistem!



RODA DE CONVERSAS SOBRE

VEGANISMO E ANARQUISMO

DIA 08 DE DEZEMBRO, A PARTIR DAS 14H NO ESPAÇO COMO? Vegan Shop

RUA JOSÉ POGLIESI FILHO 420 - LOJA 3
GUARA - BARÃO GERALDO



Apesar das teorias sobre a libertação animal e o seu ativismo serem raramente bem recebidos, ou tomados com seriedade pelo pensamento majoritário esquerdista, muitos anarquistas começam a reconhecer a sua legitimidade, não apenas como causa válida, mas também como um aspecto integral e indispensável da teoria radical e da prática revolucionária.

In Libertação Animal e Revolucção Social - 1995

Venha participar, aberto a todas as pessoas interessadas!

REALIZAÇÃO

ANARKIO.NET

fenikso@riseup.net









"Mais do que uma recusa em fazer parte na violência contra os animais não-humanos para obter comida, roupa, etc., o veganismo é uma recusa em participar na violência que afecta a sociedade como um todo. O veganismo trabalha para expôr e acabar com a súbtil indoctrinação da indústria da sociedade capitalista, que deseja des-sensibilizar a humanidade sobre a violência contra a maioria, para o ganho de uma minoria. "

- Joseph M. Smith, The Threat of veganism

Violência no quotidiano

A nossa sociedade, poucos discordariam, é largamente baseada na violência. Para todo o lado que nos viremos parece haver violência,

as imagens controladas pelos media corporativos acentuam esta percepção exponencialmente.

Esta violência, como parte da nossa cultura e da nossa existência, tem indúbitavelmente um profundo efeito em nós, a tal ponto que é difícil entender verdadeiramente as suas causas. Aqueles que estão como receptores dessa violência, naturalmente sofrem uma brutal perda de poder. Porque poder é um conceito social, nós como pessoas não compreendemos necessariamente o seu significado.

Quando nos apercebemos de uma perda de poder, uma das nossas reações típicas é consciencializarmo-nos do pouco poder que nos resta. Uma vez interiorizados os efeitos da opressão, carregamo-los conosco, muitas vezes apenas para nos tornarmos vitimadores. É uma verdade infeliz que as vítimas frequentemente se tornam criminosas, especificamente porque foram vítimas. Quando a agressão toma a forma de violência física, traduz-se frequentemente em mais violência.

Com isto presente, podemos claramente ver porque os abusos sobre os animais — seja directamente, no caso respeitante aos maus tratos de animais de estimação, ou indirectamente, no processo de ingestão de carne — se relacionam com a violência social. Os humanos que são mal tratados, eles próprios tendem a mal tratar outros, e os animais estão entre as vítimas mais fáceis e mais indefesas. Isto mostra-nos ainda outra razão pela qual a opressão social deve ser combatida por aqueles preocupados com o bem-estar dos animais.

Esta causa-efeito dinâmica funciona para os dois lados. Foi demonstrado que aqueles que são violentos com os animais, direta ou indiretamente, é também mais provável que o sejam com outras pessoas. Pessoas que se alimentam segundo uma dieta vegetariana, por exemplo, são típicamente menos violentas do que aquelas que comem carne. Pessoas que abusam dos seus animais, provavelmente, não se ficam por aí, os seus filhos ou as suas mulheres são, com frequência, as próximas vítimas.

É absurdo pensar que uma sociedade que oprime animais será capaz de se tornar numa sociedade que não oprime pessoas.

Reconhecer a opressão animal torna-se pré-requisito para uma mudança social radical.

"Com a sua tecnologia moderna – os mass media, os sistemas de transporte rápido, os computadores, os planos económicos, etc – o capitalismo pode agora controlar as próprias condições da existência. O mundo que vemos não é o mundo real, é uma visão do mundo que estamos condicionados a ver... A vida em si tornou-se um espectáculo contemplado por uma audiência... A realidade é agora algo que olhamos para, e pensamos sobre, não algo que experienciamos."

- Larry Law The spectacle: A Skeleton Key

"Aqui no jardim zoológico, neste lugar de fascinação hipnótica, seres humanos vêm ver os seus próprios instintos enjaulados e esterelizados. Tudo o que é intrínseco à espécie humana, mas abafado pela sociedade capitalista, reaparece de forma segura no zoo. Agressão, sexualidade, movimento livre, desejo, divertimento, os puros impulsos de liberdade estão presos e expostos para o prazer alienado e para a manipulação de homens, mulheres e crianças.

Aqui está o espectáculo inofensivo, em que tudo desejado pelos seres humanos existe apenas na condição de estar separado da realidade da existência humana... A condição de escravatura automáticamente coloca a questão:

'Quais são as perspectivas de libertação?' Escusado será dizer que a a noção de uma transformação revolucionária das relações entre humanos e animais é nos dias de

hoje impensável."
- The Surrealist Group

Alienação no quotidiano

Na raiz da opressão está a alienação. Os seres humanos são seres sociais. Somos capazes de sentir compaixão. Somos capazes de entender que existe um bem-estar social, um bem comum. Porque conseguimos sentir empatia com os outros, aqueles que nos fazem competir necessitam de nos alienar do efeito das nossas ações. É difícil convencer um ser humano a causar sofrimento a outro. É ainda mais difícil convencer um ser humano a agredir um animal não-humano sem razão aparente, ou a contribuir directamente para a destruição do seu ambiente natural.

Quando uma sociedade entra em guerra com outra, é um imperativo que os líderes de cada sociedade convençam as "massas" de que os adversários são maus e sub-humanos. Para além disso, os líderes devem esconder das pessoas os verdadeiros resultados da guerra: violência em massa, destruição e carníficina. É-nos dito que a guerra é algo que acontece noutro lugar, e esses "estrangeiros" que morrem, merecem-no...

A dinâmica opressiva nas relações sociais, está sempre baseada na dicotomia nós-eles, com uma distinção clara entre opressores e oprimidos. Para os opressores, o "nós" é supremo e privilegiado. A "riqueza" compreendida pelos ricos, é adquirida através de meios justos e honestos. Por exemplo, tanto o oprimido como o opressor são convencidos de que é a inabilidade dos pobres e a sua incompetência o que os torna assim.

Não é reconhecido o fato de que o privilégio económico gera automáticamente desigualdade. Simplesmente não existe suficiente para todos quando alguns podem retirar mais do que aquilo que partilham. Mas os ricos estão alienados deste truísmo. Eles têm de se defender, doutra maneira não seriam capazes de justificar a desigualdade para a qual contribuíram.

Passa-se o mesmo com qualquer dinâmica opressiva.

Os veganos compreendem que a exploração humana e o consumo de animais é facilitado pela alienação. As pessoas não seriam capazes de viver da maneira como vivem – com o desperdício e sofrimento animal – se compreendessem os verdadeiros efeitos desse consumo. Isto é precisamente a mesma razão pela qual, numa fase posterior, o capitalismo afastou completamente o consumidor do processo produtivo. A tortura acontece noutro lugar, dentro de portas bem fechadas. Simpatizando com as vítimas da opressão especista, os humanos não seriam capazes de levar as vidas que levam.

Os humanos têm ainda de ser alienados da ideia simples e razoável que está atrás do veganismo. Com o objetivo de manter uma dicotomia nós-eles, entre humano e "animal" (como se nós não fossemos animais!), não nos permitem ouvir argumentos que transcendam este falso senso de dualidade.



É-nos dito que os humanos podem empregar uma linguística complexa e formas de pensamento estruturadas. Os não-humanos não. Os humanos são pessoas, os outros são bestas, no máximo... Os animais são considerados menores, não só por natureza, mas através duma desumanização activa, um processo através do qual as pessoas tiram conscienciosamente a importância aos animais. Afinal, a inabilidade para falar ou a razão duma capacidade “iluminada”, não sujeita as criança ou as pessoas com atraso mental à violência que os milhões de não-humanos sofrem todos os dias.

Encaremos isto, a dicotomia entre humanos e animais é mais arbitrária do que científica. Não é diferente do que aquela colocada entre “brancos” e “negros” e “vermelhos”; entre “adultos” e “crianças”, entre “heterosexuais” e “homosexuais”; “conterrâneos” e “estrangeiros”. As linhas foram desenhadas sem critério e com uma intenção desonesta, e nós somos manipulados pelas instituições que nos levam a acreditar que estamos num desses lados, e que a divisão é racional.

No dia-a-dia somos alienados dos resultados da maioria das nossas acções. Quando compramos um produto alimentar da mercearia, podemos ler a lista de ingredientes e usualmente ver quando os animais foram assassinados ou torturados no processo produtivo. Mas será que sabemos alguma coisa das pessoas que fizeram esse produto? Será que as mulheres recebiam menos do que os homens?

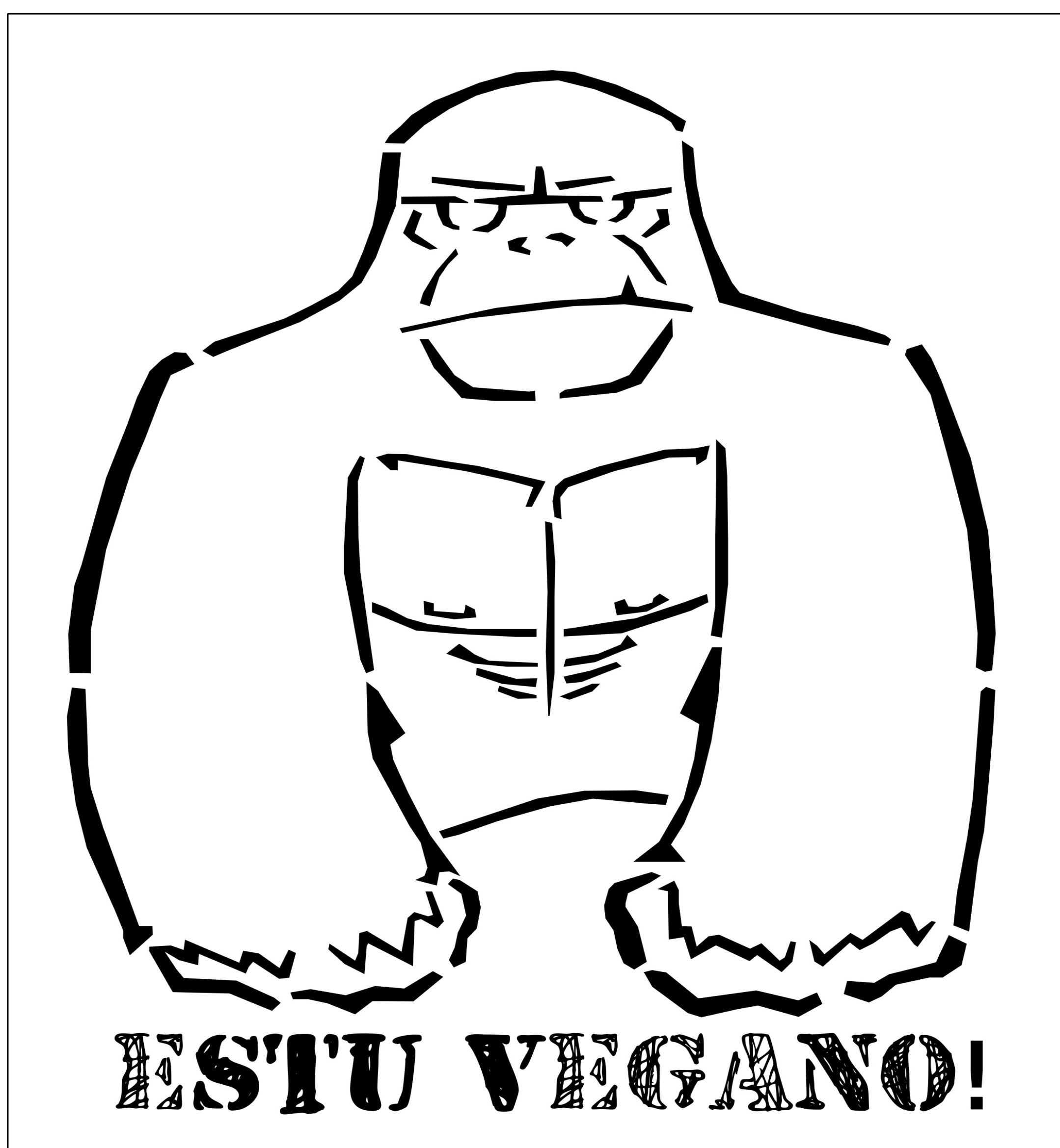
Seriam os negros subjugados pelos brancos na fábrica? Será que a união ou a coletivização de esforços dos empregados foi esmagada?

Terão sido chacinados centenas numa linha de piquete por reivindicarem um salário que permitisse viver?

Quando eu como macho converso com uma fêmea, ou com alguém mais novo do que eu, serei eu dominador e subjugador, ta como a minha condição o é numa sociedade patriarcal? Será que eu como “branco” me vejo (ainda que subconscientemente) num grau de “superioridade” em relação aos “negros”? Verdadeiramente, será que eu vejo as pessoas de côr como algo inerentemente diferente de mim?

Estas são as questões que não estamos encorajados a perguntar a nós mesmos. Mas devemos fazê-lo. Para vencermos a alienação temos de estar vigilantes e ser críticos, não só em relação ao mundo que nos rodeia, mas também em relação às nossas próprias ideias, perspectivas e acções. Se queremos extinguir os opressores que temos na cabeça, temos de questionar constantemente as nossas crenças e pressupostos. O que devemos perguntar a nós próprios como indivíduos, são os efeitos das nossas ações, não só os efeitos dos que nos rodeiam, mas também os do nosso ambiente natural.

Como componente e chave para a perpetuação da opressão, toda a alienação deve ser destruída. Sempre que ignoremos o sofrimento no matadouro e nos laboratórios de vivissecção, podemos ignorar as condições no Terceiro Mundo, o ghetto urbano, o abuso doméstico, a autoridade das classes dirigentes, etc.. A capacidade para ignorar alguma forma de opressão é a capacidade para ignorar todas as formas de opressão.





A transformação politica do povo em massa e depois em suco.

Assim como muitas pessoas acreditam que pertencem a uma espécie dominadora e que todas as outras espécies não significam nada além de fonte de alimentos e de outros produtos oriundos do sofrimento dessas espécies, se repete na relação que os partidos políticos possuem com o povo e o usa como quer, manipulando, manobrando, dirigindo, moldando conforme suas conveniências politicas de poder e controle.

Deixemos claro que a referência aqui não é apenas para um grupo de partidos, mas para todos, independente a qual enquadramento se dizem estar, ao estabelecerem sua legalidade perante ao Estado, se submete a logica de controle e poder, que inverte o conceito de democracia ao reter o que seria poder do povo (do grego demo= povo , cracia= poder).

Ao concentrarem o poder em suas estruturas de influências clientelistas, os partidos se tornam organizações criminosas afiançadas por um também criminoso Estado, que sobre uma base de intimidação violenta e impositiva, determina a toda sociedade parâmetros de conduta que quase nunca são pautados pela coerência e sim pelos caprichos das organizações de controle e poder. A sociedade é uma refém com poucas possibilidades de emancipação, mas que deve se manter na luta e resistência e não sucumbir totalmente nos braços de uma estrutura exploradora e opressora.

Esse modelo de controle por partidos, que podemos bem chamar de partidocracia, pressupõe que as maioria das pessoas sejam excluídas de suas esferas, através de práticas hierarquizadas, que só ascendem aquelas pessoas que manterão esse sistema funcionando. A maior parte das pessoas serão apenas replicadoras e mantedoras do sistema, sejam exploradas através de trabalhos, empregos com baixa remuneração, sejam submetidas as estruturas controle e sua dinâmica, resignadas ou não.

O povo se torna massa, quando mesmo que não queira, se submete as sandices dos grupos do poder, as incongruências dos partidocráticos. A submissão é aceitar uma estrutura que não foi feita pelo povo, onde o povo não tem representatividade e que o povo não reconhece como seu, mas tem como obrigação o manter, sem que condições minimas de cidadania sejam constituídas e nem que as necessidades básicas sejam atendidas.

Sabemos que os processos assistencialistas não retiram as pessoas da condição de massa, mas ao contrário, criam grilhões psicológicos que mantém o povo como massa, submetido a mão que lhe molda. As pessoas transformadas em massa, manipuladas a exaustão, agora são espremidas como frutas até remover todo o suco que tenham, descartadas como bagaços sem memória, sem consciência.

Em muitos casos, partidocráticos e pessoas aduladoras do controle do Estado ficam extremamente excitadas e salivam, assim como os cachorros sadicamente machucados por Pavlov, ao ouvir as sinetas do assistencialismos que mantém o povo como massa. Há nisso um grande medo desses controladores totalitários de que o povo assuma o controle e dê ao conceito da democracia o seu sentido literal e direto, removendo definitivamente as pessoas defensoras dos partidos e do Estado como obstáculos que são a vida livre, sem opressão e exploração.

O fato de escrevermos esse texto é de fixa-lo como parte de um rompimento de nossa condição de massa, de suco e de bagaço descartado. Mas seria pretensão demais que apenas um pequeno texto realizasse algo dessa magnitude, em uma estrutura conservadora de exploração e opressão, assim, basta-nos apenas deixar esse registro para que as pessoas que ainda possuam alguma consciência critica possam usa-lo como base para a produção de mais materiais de rompimento e para construção de uma sociedade emancipada.

Unidas, lutamos!





WWW.ANARKIO.NET - FENIKSO@RISEUP.NET

FARSAS ARMADAS A FORÇA!



Jovem, você está sendo enganado!

Os militares sempre apoiaram as ditaduras, desigualdades sociais, bateram, torturaram e mataram pessoas trabalhadoras e cometeram massacres etnicos!

Uma sociedade justa não se faz de armas, mas de educação, saúde e trabalho!

DIGA NÃO AO ALISTAMENTO OBRIGATÓRIO!

POR UM MUNDO SEM FRONTEIRAS, SEM PÁTRIAS, SEM NAÇÕES!

ANARKIO.NET

TIPOS DE VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES



PSICOLOGICA



FISICA



PATRIMONIAL



DESIGUALDADE E DESCRIMINAÇÃO



SEXUAL



ECONOMICA

TODA VIOLÊNCIA
É GRAVE E CAUSA DANOS IGUAIS!



FENIKSO NIGRA
INOJ MOVADO

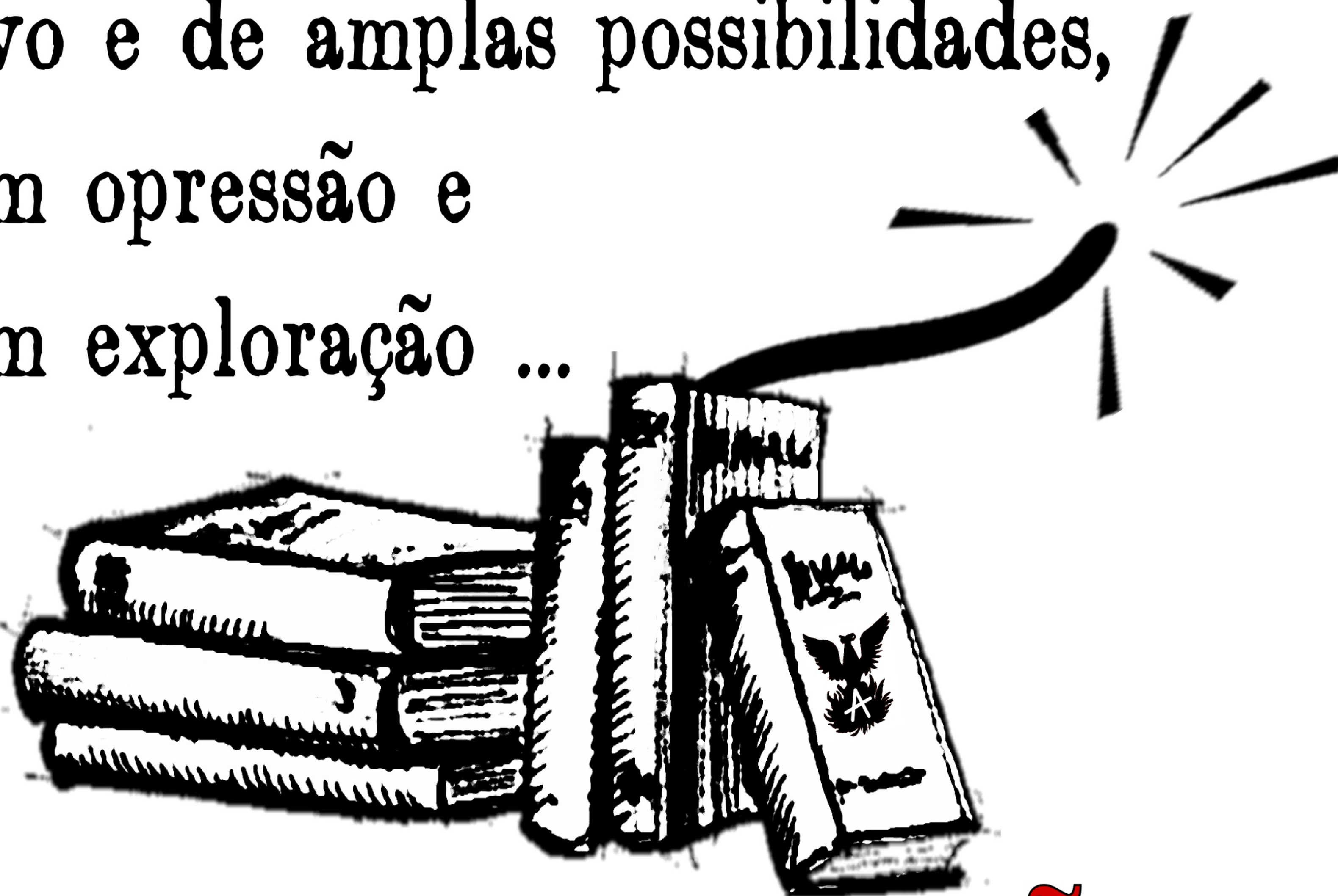
Lembre-se

O anarquismo é dinâmico,

vivo e de amplas possibilidades,

sem opressão e

sem exploração ...



ANARQUISMO NÃO É MERCADORIA!

SE NÃO PRECISA, NÃO COMPRE!
PREFIRA TROCAR - DOAR - COMPARTILHAR - RECICLAR ...
SE TENS PRINCÍPIOS,
NÃO DEIXE OS "VALORE$" TE MANIPULAR!



Barricada Libertária - lobo@riseup.net
Fenikso Nigra - fenikso@riseup.net
http://anarkio.net
Movimento Anarquista





Bonvolu esti konsilis ke la materialoj en Esperanton estas en la informa monata bulteno Anarkio. Ni gratulas vin por viaj materialoj en esperanta lingvo.

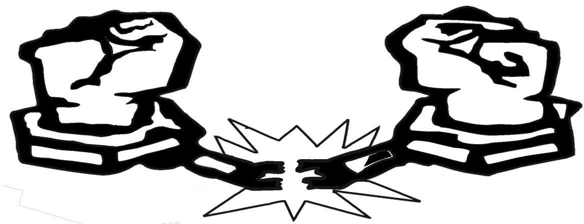
ANARKIO KAJ ESPERANTO

(((A))) Contatos Anárquicos

LIGA ANARQUISTA - RJ

A Liga Anarquista trabalhará junto ao movimento anarquista em prol da construção de uma federação orientada pela síntese das diferentes tendências, respeitando a diversidade das organizações presentes e atuantes neste nosso momento histórico.

https://ligarj.wordpress.com/



ANARCHIST FEDERATION

A Federação Anarquista é uma organização cada vez maior de pessoas que pensam como abolir o capitalismo em toda a ilha britânica e com toda a opressão para criar um mundo livre e igual, sem líderes e chefes, e sem guerras ou destruição ambiental.

http://www.afed.org.uk

ANARCHISTNEWS

O objetivo do anarchistnews.org é fornecer uma fonte não-sectária de notícias sobre e de interesse para anarquistas.

http://anarchistnews.org/

ANARCOPUNK.ORG

Nossa proposta é, em linhas gerais, que o site Anarcopunk.org funcione como um meio de difusão das propostas, idéias, produções, movimentações, campanhas e expressões anarcopunks em sua diversidade

http://anarcopunk.org

ANARQUISTA.NET

Sitio eletrônico sobre anarquismo

http://www.anarquista.net/

APOYA MUTUA

A finalidade dela é o partilhamento de informações e recursos que respaldem a autonomia e autogestões feministas. Que apoie a ação direta feminista nos vários âmbitos no qual o feminismo como modo radical de política a redefine. Um espaço de armazenamento, memória, coletivo, e de contra-informação capitalista e heteropatriarcal.

https://apoiamutua.milharal.org/

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES

Organização sindical-revolucionária internacional de trabalhadores com atuação em diversos países.
A emancipação dxs trabalhadorxs é obra dxs próprixs trabalhadorxs

http://www.iwa-ait.org

A-INFOS

O projecto A-Infos é coordenado por um colectivo internacional de activistas revolucionários, anti-autoritários, anti-capitalistas, envolvidos na luta de classes, que entendem como uma luta social total.

http://www.ainfos.ca/

BIBLIOTECA TERRA LIVRE

Com o objetivo de preservar e difundir a memória do anarquismo no Brasil e no mundo e incentivar as lutas do presente.

http://bibliotecaterralivre.noblogs.org/

BATATISMO

Proposta religiosa baseada na batata, assim todas as pessoas são livres no amor e no respeito. E a batata realmente existe!
http://reinodabatata.blogspot.com.br/

COLETIVO ATIVISMO ABC

Uma vida autônoma frente ao mercado e ao Estado depende do fortalecimento e enriquecimento das relações sociais que nos cercam, por isso procuramos meios de criar estruturas paralelas que possibilitem enfraquecer os laços de dependência individual e coletiva em relação às instituições.
Endereço: Rua Alcides de Queirós, nº 161, Bairro Casa Branca – Santo André/SP.
CEP 09015-550

http://www.ativismoabc.org/

CCS-SP

O Centro de Cultura Social de São Paulo é o remanescente de uma prática comum do movimento libertário no Brasil. Tem como principal objetivo o aprimoramento intelectual, a prática pedagógica e os debates públicos.

http://www.ccssp.org

CNT-AIT ESPANHA

A CNT é, hoje, o único sindicato no Estado espanhol totalmente independente do rumo político em que as decisões não são sindicalizados e um comitê de profissionais do sindicato, que renuncia a financiamento estatal e dos Empregadores para manter a sua independência económica, e não deixa as negociações nas mãos de intermediários.

http://www.cnt.es



CUMPLICIDADE

A iniciativa da criação de um blog de contra-informação na região controlada pelo Estado brasileiro nasceu da vontade de alguns/as individuxs em difundir idéias e práticas contra as relações de poder, presentes na vida cotidiana de cada umx.

http://cumplicidade.noblogs.org/

DANÇAS DAS IDÉIAS

Se não podemos dançar, essa não é uma revolução séria. Proposta de manutenção e preservação de material anarquista através de sua digitalização e disponibilização aberta a todxs.

http://dancasdasideias.blogspot.com.br/

AK PRESS

O objetivo da Revolução pelo livro, a AK Press blog, é informar as pessoas sobre a publicação anarquista em geral e AK Press, em particular.

http://www.revolutionbythebook.akpress.org/

FEIRA ANARQUISTA DE SÃO PAULO

Organizada no fim do ano, com a intenção de divulgar a cultura anarquista e suas práticas.

http://feiranarquistasp.wordpress.com/

HORMIGA LIBERTARIA

Edições Hormiga Libertaria surgiu no final de 2003, a fim de cobrir a escassez de conteúdo libertário publicação de livros (México). Inicialmente nascido como um projeto de editoração eletrônica para criar uma biblioteca que poderia ser uma ferramenta para o estudo, investigação e divulgação da história e da prática anarquista, mais eles funcionam como um ponto de encontro, socialização e organização.

http://hormigalibertaria.blogspot.com.br/

INTERNATIONAL OF ANARCHIST FEDERATIONS

A IFA é uma organização internacional de Federações Anarquistas que está ligada, por seu pacto associativo e suas ações, aos princípios da Primeira Internacional Anarquista, que foi formada em Saint-Imier em 1872.

http://www.i-f-a.org

PROTOPIA

Um espaço de permanente compilação de referências libertárias. Uma nova proposta de transformação global, construindo o futuro hoje! Protopia é a virada da maré, uma estratégia de reterritorialização que busca antes de tudo a tomada de um papel ativo na construção de espaços libertários.

http://pt.protopia.at/

ATEA

Organização formal/legal de defesa do ateismo e da laicidade social, baseado na razão e pensamento cientifico.
Não é anarquista, mas de conteúdo de interesse.

https://atea.org.br

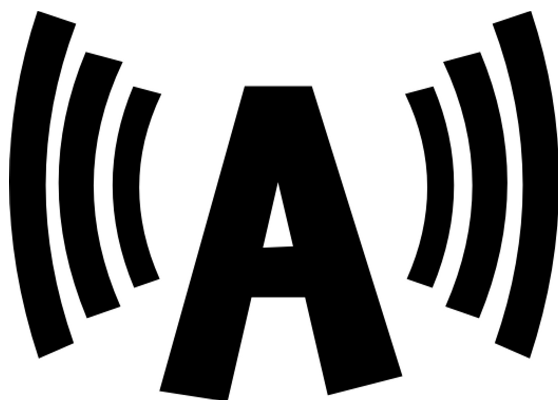
NÚCLEO DE ESTUDOS LIBERTÁRIOS CARLO ALDEGHERI

Acreditando que a análise criteriosa das questões sociais (mesmo sem as necessidades de diplomas ou graduações), com bases em documentos históricos produzidos pelos seus próprios protagonistas, é uma poderosa ferramenta que contribui para a liberdade individual, coletiva e interação social, sendo essas reflexões essenciais para a construção de um mundo novo, assim surgiu em meados de 2010, na cidade de Guarujá.
Endereço: Rua Luiz Laurindo Santana, nº 40, 1º Andar, sala 1 - Ferry Boat - Guarrujá
http://nelcarloaldegheri.blogspot.com.br
endereço eletrônico: nelcarloadelgheri@gmail.com

LIBERACANA FRAKCIO - SAT

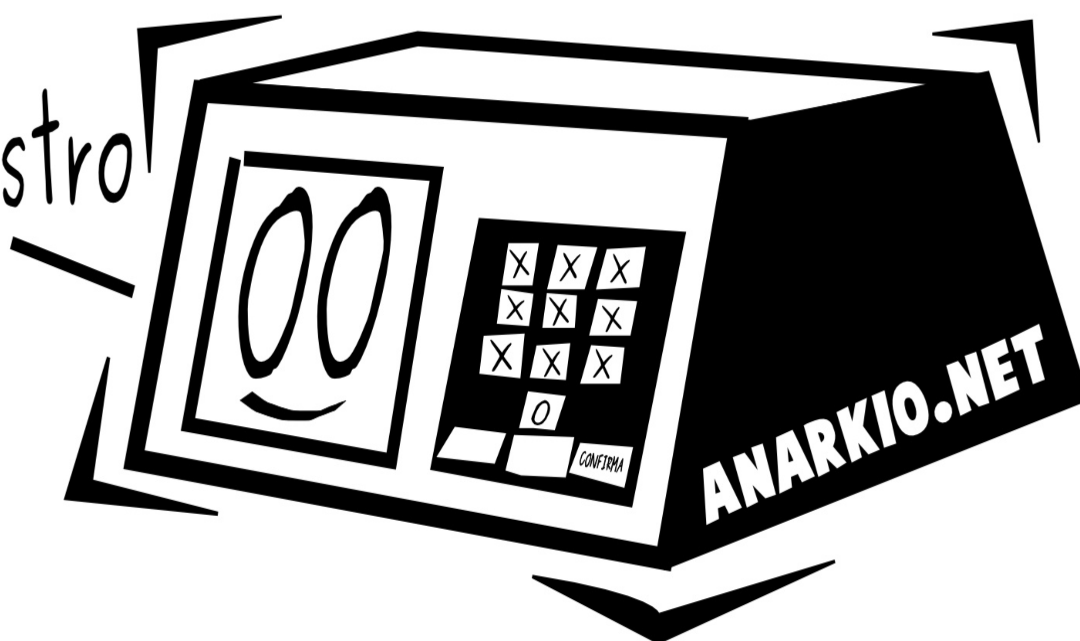
Fração libertaria é composta por membros do SAT (associação esperantista sem nação), na mesma filosofia política ou tendência que se apresenta como anarquistas, libertários, anarco-sindicalistas, anarco-comunistas, e assim por diante.

http://www.satesperanto.org/-Liberecana-Frakcio-.html



Votamos nulo Por Politica De outro jeito!

digite qualquer
numero sem cadastro
e confirma!!



Organização Autonoma

Sem PartiDos, sem Patrões,

Sem EstaDo!